

# O SENTIDO DA REINTEGRAÇÃO DO HOMEM NA NATUREZA EM NIETZSCHE

Helly Lucas Barros Crispim<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo principal delimitar o sentido de “naturalização do homem” segundo Nietzsche em *Além do bem e do mal* § 230 e *Gaia Ciência* § 109, a partir de uma análise do refinamento da *consciência europeia* que se inicia a partir da metafísica, passa pela moralidade cristã, chega à ciência moderna e culmina na reavaliação da verdade; momento histórico o qual Nietzsche denomina “morte de Deus”. Conclui-se que a reintegração do homem com a natureza se dá a partir de uma reconciliação da verdade com a natureza, levando a uma superação de oposições e dicotomias; a uma superação de pressupostos metafísicos ocultos o qual Nietzsche denomina *ideal ascético*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Naturalização; Desdivinização ; Perspectivismo; Verdade; Antropomorfismo.

**ABSTRACT:** The main objective of this article is to delimit the meaning of “naturalization of men” according to Nietzsche in *Beyond good and evil* § 230 and *Gay Science* § 109, based on an analysis of the refinement of the *European consciousness* that begins with Metaphysics, passes through Christian Morality, reaches Modern Science and culminates in the Reevaluation of Truth, a historical moment which Nietzsche calls “Death of God”. It is concluded that the reintegration of man with nature occurs from a reconciliation of “truth” with “nature”, leading to an overcoming of oppositions and dichotomies; to an overcoming of hidden metaphysical assumptions which Nietzsche calls *ascetic ideal*.

**KEYWORDS:** Naturalization; de-deification; Perspectivism; Truth; Anthropomorphism.

---

<sup>1</sup>Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do grupo de estudos Nietzsche (GENi) da UECE.  
<https://orcid.org/0000-0003-0256-4638>

## 1. INTRODUÇÃO

Christoph Cox<sup>2</sup>, no início de seu livro *Nietzsche: Naturalism and interpretation*, afirma que Nietzsche é comumente reconhecido como “o avô do pós-modernismo”. Em geral, “o pós-modernismo caracteriza-se pela incredulidade a metanarrativas” (COX, 1999, p. 1), ou melhor, a deslegitimação de metanarrativas. Essa incredulidade, segundo Cox, é justamente aquilo que Nietzsche caracteriza como sendo nossa “atual situação histórico-intelectual” (COX, loc. cit.), marcada pelo que o filósofo alemão entende como “morte de Deus” ou “*Nilismo*”, em outras palavras, uma época marcada pela tentativa de superação de interpretações metafísicas ou teológicas sobre o mundo.

De fato, em seu pequeno ensaio de 1873 “Verdade e Mentira no sentido extra-moral”<sup>3</sup>, Nietzsche procura demonstrar como a verdade da essência das coisas em si mesmas é impossível de alcançar. Aquilo que denominamos como “verdade” não passaria de um conjunto de metáforas e metonímias, ou seja, um conjunto de relações humanas, antropomorfismos ou extensões do homem; espécies de mentiras inconscientes, metáforas comuns, impostas pela vida em sociedade<sup>4</sup>. O que distinguiria o homem do animal seria o fato de que este tem impressões imediatas do mundo, ao passo que aquele transforma suas impressões imediatas em esquemas; as coisas no mundo passam a ser vistas de forma sistematizada, simbolizadas através de “pirâmides”, “graus”, “leis”, “castas”, etc<sup>5</sup>. Desse modo, Nietzsche faz uma distinção, que nesse seu texto de juventude o aproximaria de Kant: a distinção entre a verdade das coisas aparte do homem (a *coisa-em-si*) e a verdade antropomorfizada que mais seria “a metamorfose do mundo em homem”<sup>6</sup>. Como não seria possível designar a coisa tal como ela é, o conhecimento verdadeiro não seria possível. Nesse sentido, o homem se utilizaria do conhecimento apenas para coisas práticas, para si, e o conhecimento não ultrapassaria esse limite. O limite do conhecimento é a vida humana, qualquer designação sobre elementos da natureza seria uma arbitrariedade; a criação de modelos para

---

<sup>2</sup>Cox é atual vice-presidente de assuntos acadêmicos e decano da Hampshire College; autor de diversos livros, professor de filosofia, crítico e curador de arte visual e sonora. Sua obra, *Nietzsche: Naturalism and interpretation* de 1999, será usada como referência e suporte a muitos posicionamentos presentes neste artigo.

<sup>3</sup>Escrito um ano após o *Nascimento da Tragédia* e publicado posteriormente por sua irmã Elizabeth em 1896, quatro anos antes de sua morte, quando Nietzsche já estava mentalmente doente.

<sup>4</sup>NIETZSCHE, Friedrich. **On truth and lies in an extra-moral sense**. Trans. Walter Kaufmann et all. passim. Disponível em: <[https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth\\_and\\_Lie\\_in\\_an\\_Extra-Moral\\_Sense.htm](https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth_and_Lie_in_an_Extra-Moral_Sense.htm)> Acesso em: 02-06-2020 às 18:44.

<sup>5</sup>Id. op. cit., p. 4-5).

<sup>6</sup>Id. loc. cit.

explicar os fenômenos da natureza é uma arbitrariedade que funciona apenas para a vida humana, mas nada diz realmente das coisas; fazer isso é reduzir o mundo ao humano, um antropomorfismo.

No mesmo ensaio mencionado, Nietzsche designa a mentira como “o uso de designações válidas de palavras para fazer o irreal parecer real”<sup>7</sup>. Desse modo, da mesma maneira que a mentira, o homem aparentemente designa corretamente palavras ou sons a objetos na realidade, mas, na verdade, o que ele cria aí são metáforas e metonímias que passam a ser vistas enquanto o real; o que os sons e as palavras designam são na verdade “estímulos nervosos”<sup>8</sup>. Podemos interpretar o processo da seguinte forma: inicialmente, a linguagem é usada de forma adaptativa, como uma capacidade de simulação que atinge seu ápice na dissimulação<sup>9</sup>, no mentir para sobreviver. Na formação da sociedade, inicia-se um processo de legislação da linguagem, e é a partir daí que se inicia a distinção entre a mentira e a verdade<sup>10</sup>. Para preservar a paz do rebanho e evitar a guerra de todos contra todos – “*Bellum omni contra omnes*”<sup>11</sup> – estabelecem-se as primeiras leis da designação: a mentira se estabelece a partir da formação do irreal a partir do real; quando um indivíduo se auto-designa “rico” quando, devido as circunstâncias, a correta designação deveria ser “pobre”, esse indivíduo será julgado pela sociedade como mentiroso, como alguém que não se deve confiar, pois utiliza-se da linguagem de maneira incorreta<sup>12</sup>.

No entanto, não havia uma tal percepção no homem, de que não existia outra maneira de se utilizar da linguagem além desta: a redução da realidade em metáforas a partir da criação de imagens de estímulos nervosos em forma de sons. Devido a vida curta, o esquecimento fez com que o homem deixasse de perceber o caráter metafórico de seu mundo, de modo que os significados ganharam qualidades que não se encontravam na realidade; os significados cada vez mais afastados da sensibilidade, engendraram “formas”, “substâncias”, “gêneros”, “espécies” etc. Acreditava-se que a verdade deveria pertencer a um domínio eterno e imutável, absoluto e sem limites, de modo que o mundo sensível – onde não se encontravam essas tais coisas imutáveis, onde tudo se movia, onde nada permanecia – se tornaria um mundo produtor de falsidades e aparências. Isso marcou o início do pensamento filosófico ocidental, em outras palavras, marcou a primeira fase da *Consciência Europeia*.

---

<sup>7</sup>Id. op. cit., p. 2.

<sup>8</sup>NIETZSCHE, Friedrich. **On truth and lies in an extra-moral sense**. Trans. Walter Kaufmann et al., p. 2 e 7 Disponível em: <[https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth\\_and\\_Lie\\_in\\_an\\_Extra-Moral\\_Sense.htm](https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth_and_Lie_in_an_Extra-Moral_Sense.htm)>

Acesso em: 02-06-2020 às 18:44.

<sup>9</sup>Id. op. cit., p. 1

<sup>10</sup>Id. op. cit., p. 2

<sup>11</sup>Loc. cit.

<sup>12</sup>Idem.

Destarte, a *Consciência Europeia* se preparava para enfrentar uma de suas mais radicais fases, “a Morte de Deus”, na qual seguiria um caminho de superação da verdade; uma autossuperação de seus próprios pressupostos: da metafísica platônica, à teologia cristã, à ciência empírica e finalmente, culminando numa reavaliação da verdade. Esse momento significaria uma possibilidade de reintegração do homem na natureza, que outrora fora concebida como antagonista, arrancada do homem por ele mesmo, pelas suas próprias significações, pelas suas próprias ilusões metafísicas.

Faremos nossa investigação a respeito do sentido da reintegração do homem na natureza, segundo Nietzsche, a partir dos seguintes pontos: Em primeiro lugar, vamos tratar sobre o evento da morte de Deus, em segundo trataremos do conceito de naturalização e, por fim, trataremos do que se entende como reavaliação da verdade.

## 2. O EVENTO DA MORTE DE DEUS.

No aforisma 343 do Livro V da *Gaia Ciência*, cujo o título é bastante sugestivo: “O sentido de nossa jovialidade [*heiterkeit*]<sup>13</sup>”, Nietzsche descreve uma certa disparidade no pensamento dos homens causada por esse evento histórico da humanidade denominado “morte de Deus”. De um lado, o “velho mundo”, de outro, a jovialidade de um “novo mundo”, onde uma velha certeza dava lugar a uma nova suspeita: “Uma velha e profunda confiança parece ter se transformado em dúvida [...], o velho Deus morreu, nos sentimos como iluminados por uma nova aurora [...], o mar, o *nosso* mar, está novamente aberto e provavelmente nunca houve tanto ‘mar aberto’”. (NIETZSCHE, 2001, p. 208). Segundo Cox (1999, p. 16-19), esta passagem indicaria que Nietzsche estaria se tratando de um evento que ocorreria na história da humanidade e não simplesmente expressando um certo ateísmo ao se tratar da “morte de Deus”. O aforisma também indica um certo retorno à jovialidade, onde o mundo anterior aquele evento se apresenta “cada dia mais crepuscular, mais desconfiado, mais estranho, ‘mais velho’” (NIETZSCHE, 2001, p. 207).

Vários questionamentos podem se insurgir a partir da leitura do mencionado aforisma: a que se refere o “velho mundo” e a que se refere o “novo mundo”? Qual é o seu divisor de águas, o elemento capaz de separá-los?

---

<sup>13</sup>*Heiterkeit* é traduzido para o inglês como “Happiness”, “cheer”, “cheerfulness” ou “joy”; vem da junção do adjetivo alemão “heiter” + o sufixo “keit”. O adjetivo “Heiter”, é traduzido para o português como “alegre”; vem do proto-alemão “Haidraz” que pode significar “brilho” ou “claro”. É interessante, e ao longo deste artigo poderemos observar, como Nietzsche faz uso metafórico dos contrastes entre o “Quente” e “Frio” - ou “Gélido”; o “alegre” e “mórbido”; “velho” e “jovial”, para comparar o pensamento ocidental anterior ao evento da morte de deus com o do advento de uma nova maneira de pensar da qual ele se mostra revelador.

Segundo Cox (1999, p. 18-19), no que se refere ao divisor de águas, trata-se de um refinamento do pensamento Europeu. Esse refinamento, levou “a autossuperação da metafísica, da teologia, da moralidade cristã e da ciência em direção a uma reavaliação da verdade” (op. cit., p. 19 tradução nossa), o “velho mundo” seria o mundo anterior àquele que agora se questiona pela própria noção de verdade. A escola eleática compunha os primeiros pensadores a separarem dois domínios: o domínio do ser e o domínio da aparência; o primeiro era o domínio da verdade: imutável, absoluta e universal, onde não havia movimento; O segundo era o domínio do movimento: do particular e do mutável. Esses filósofos perceberam que ao olhar o mundo ao seu redor viam que nada permanecia: as coisas apareciam e desapareciam, os corpos mudavam qualitativamente, as coisas eram vistas de forma diferente a partir de pontos de visão diferentes, os seres humanos possuíam opiniões distintas sobre um mesmo tópico, “o que o olho via a mão não sentia” (Cox. loc. cit.) etc. Para eles, a verdade, não poderia existir num tal domínio; então, o mundo sensível passou a ser o domínio das aparências e das opiniões, ao passo que o mundo intelectual, passou a ser o mundo das formas imutáveis, das quais as coisas são apenas cópias. Essa noção de verdade, encabeçada por Platão, casou-se com a noção de verdade cristã que a *moralizou*, de tal forma que buscar a verdade não era mais apenas buscar as coisas no mundo metafísico, mas falar a verdade, agir *conforme* a verdade. Assim nasceu a *Consciência Europeia*<sup>14</sup>, ou “integridade intelectual” que passou a se chamar de “honestidade”<sup>15</sup>. O refinamento de tal consciência requeria que “as próprias crenças, convicções e ideias fossem rigorosamente testadas”<sup>16</sup>, fazendo a transição no pensamento europeu de um dogmatismo a um ceticismo, até que passasse a questionar a própria metafísica herdeira de Platão, as “ideias inatas” dos racionalistas e finalmente o Deus cristão, tornando-as coisas indemonstráveis. Esse agnosticismo, encaminhado sobretudo por Kant, marca a transição da consciência cristã para uma consciência científica no pensamento ocidental, levando ao abandono da Metafísica e da Teologia Cristã; a preocupação passava a ser com o mundo natural a partir da investigação empírica.

Com efeito, a partir da análise de Cox (1999), exposta anteriormente, podemos perceber que ocorreu no pensamento Ocidental um retorno à busca pela verdade a partir do mundo que anteriormente havia sido caracterizado como um mundo aparente, portanto falso ou enganador, e que a verdade deveria estar fora dele, numa dimensão onde haveria possibilidade de imutabilidade, universalidade e necessidade. Contudo, como o próprio Cox analisa, a consciência científica que

---

<sup>14</sup>Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2001., p. 227-231

<sup>15</sup>COX, CHRISTOPH. *Nietzsche: Naturalism and Interpretation*. Berkeley: University of California Press. 1999. p. 45.

<sup>16</sup>NIETZSCHE, op. cit., p. 20-21.

substituiu esse pensamento, não abandonou completamente o *ideal ascético*<sup>17</sup> dele característico, muito menos triunfou sobre Deus. Esse ideal ascético seria o responsável por caracterizar a verdade como um valor absoluto e incondicional sobre o mundo<sup>18</sup>.

No aforismo 344 da *Gaia Ciência*, com o título "*Em que medida também nós ainda somos devotos*", Nietzsche descreve que a Ciência, ao mesmo tempo em que não admite convicções – que estas devem antes "se rebaixar a modestas hipóteses e pontos de vista experimentais para que possam ser tratadas com seriedade" – mantém ainda uma convicção "tão imperiosa e absoluta, que sacrifica a si mesma todas as demais convicções"<sup>19</sup>. Trata-se da convicção de que "nada é mais necessário do que a verdade, e em relação a ela tudo o mais é de valor secundário"<sup>20</sup>: a convicção de que as próprias convicções, os pontos de vista fisiológicos nascidos do instinto ou da vontade, devem deixar de ser convicções para que possam adquirir valor científico, ainda que meramente hipotéticos, a serem testados. Nietzsche denomina tal convicção de "vontade de verdade", e lança duas hipóteses para o seu surgimento: Seria a vontade de não se deixar enganar? – ou seja, teria razões pragmáticas – ou seria a vontade de não enganar, inclusive a si mesmo? – onde teria razões morais. Nietzsche rejeita a primeira hipótese mostrando que ela pressupõe um entendimento sobre a existência tal que comprovasse a vantagem da desconfiança sobre a confiança incondicional; como não há tal entendimento, não é possível que as razões para a vontade de verdade firmem-se no pragmatismo. Além disso, afirma que, na existência, tanto a confiança incondicional quanto a desconfiança, se mostram necessárias; diz ainda que "justamente essa convicção (do valor incondicional da verdade) não poderia surgir, se a verdade e a inverdade continuamente se mostrassem úteis: como é o caso",<sup>21</sup> afinal, em sua vida diária, o homem se utiliza de ambas. Restaria então a origem moral dessa convicção. Nietzsche então compara a pergunta "Para que ciência" com a pergunta "Para que moral" ao mesmo tempo em que tenta demonstrar que tanto a vida, quanto a natureza e a história são "imorais", e que "a vida sempre se mostrou ao lado dos homens mais inescrupulosos".<sup>22</sup> Dessa forma, Nietzsche compara o pensamento científico positivista, que busca a verdade a qualquer custo, com a antiga e supostamente superada moral cristã; a *Consciência Europeia* se desvela, é o que pode-se observar a partir do trecho a seguir:

---

<sup>17</sup>Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *On the Genealogy of Morality*. Trans. Carol Diethe. Cambridge Texts in the History of Political Thought. Cambridge University Press. 2007., p. 68-120.

<sup>18</sup>Cf. NIETZSCHE. loc. cit.

<sup>19</sup>NIETZSCHE, op. cit. 2001., p. 208.

<sup>20</sup>NIETZSCHE, op. cit. 2001., p. 209.

<sup>21</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2001., p. 209.

<sup>22</sup>Id. op. cit. p. 210.

Não há dúvida, o homem veraz, no ousado e derradeiro sentido que a fé na ciência pressupõe, afirma um outro mundo que não o da vida, da natureza e da história; e, na medida em que afirma esse “outro mundo” – não precisa então negar a sua contrapartida, este mundo, nosso mundo?... Mas já terão compreendido aonde quero chegar, isto é, que a nossa fé na ciência repousa ainda numa *crença metafísica* – que também nós, que hoje buscamos o conhecimento, nós, ateus e antimetafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também a de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina...<sup>23</sup>

Como podemos ver, o advento da ciência empírica não marcaria o evento da morte de Deus, muito pelo contrário, a Ciência carrega em si, de maneira ainda mais sutil, o *ideal ascético*<sup>24</sup>, que deveria ser superado, como diz Nietzsche, na terceira dissertação da *Genealogia da Moral*:

Não! Não me venha com ciência enquanto procuro o antagonista natural do ideal ascético, enquanto pergunto: “Onde está a vontade oposta na qual o seu ideal oposto se expressa?”. A ciência não é suficientemente independente para isso, em todos os aspectos necessita primeiramente de um valor-ideal, poder ideal de criação de valor, em cujo serviço possa acreditar em si mesma – a ciência em si mesma nunca cria valores. Sua relação com o ideal ascético certamente ainda não é inerentemente antagônica; de fato, é muito mais o caso, em geral, de ainda representar a força motriz na evolução interna desse ideal.<sup>25</sup>

Destarte, como podemos ver, o “novo mundo” mencionado no início – a “aurora” que ilumina a consciência europeia – ainda não estaria presente no pensamento científico moderno. De fato, Nietzsche expressa bem esse pensamento no famoso aforisma 125 da *Gaia Ciência*, onde narra um pequeno conto, em que um homem louco vai a um mercado perguntar as pessoas do local onde está Deus. Muitos descrentes, ateus, que ali estavam, acham graça do homem e zombam dele. O homem louco então, provoca olhares de espanto e silêncio ao anunciar que Deus havia morrido e que o homem era o responsável por sua morte; põe-se então a descrever uma situação de niilismo, de ausência de valores causada por conta da morte de Deus. A partir desse cenário que acaba de descrever, o homem louco pronuncia as seguintes palavras:

Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então! [...] eu venho cedo de mais [...] não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens<sup>26</sup>.

Os descrentes presentes no mercado, os ateus, eram homens que supostamente já haviam superado a Metafísica e a Teologia Cristã: eram homens modernos, eram homens da ciência.

---

<sup>23</sup>Idem.

<sup>24</sup>De fato, Nietzsche afirma que a Ciência é o melhor aliado do ideal ascético: “No! – open your eyes! – this ‘modern science’ is, for the time being, the best ally for the ascetic ideal, for the simple reason that it is the most unconscious, involuntary, secret and subterranean”. (NIETZSCHE, 2007. p. 114).

<sup>25</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *On the Genealogy of Morality*. Trans. Carol Diethe. Cambridge Texts in the History of Political Thought. Cambridge University Press. 2007., p. 113.

<sup>26</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2001., p. 138.

Contudo, eles ainda não estavam cientes do que ainda viria a acontecer, de que haveria também uma autossuperação dos pressupostos da ciência, de que estes passariam também a ser questionados pela própria consciência europeia; de que a verdade, enquanto um valor incondicional, seria reavaliada, seria posta a prova. “A vontade de verdade precisa de uma crítica – vamos definir nossa incumbência com isso –, o valor da verdade deve ser *posto* provisoriamente *em questão*...”<sup>27</sup>.

Antes de tratarmos do desenvolvimento dessa reavaliação da verdade, que corresponderia a fase efetiva do evento da morte de Deus, nos é mister tratar anteriormente do conceito de naturalização do homem, cuja a delimitação do sentido é o tema principal deste artigo.

### 3. O CONCEITO DE NATURALIZAÇÃO DO HOMEM

Iniciaremos nossa investigação sobre o conceito de naturalização do homem a partir da análise do seguinte aforisma de *Além do Bem e do Mal*:

Retraduzir o homem de volta à natureza; triunfar sobre as muitas interpretações e conotações vaidosas e exaltadas, que até o momento foram rabiscadas e pintadas sobre o eterno texto *homo natura*; fazer com que no futuro o homem se coloque frente ao homem tal como hoje, endurecido na disciplina da ciência, já se coloca frente a *outra* natureza, com intrépidos olhos de Édipo e ouvidos tapados como os de Ulisses, surdo às melodias dos velhos, metafísicos apanhadores de pássaros, que por muito tempo lhe sussurraram: “Você é mais! É superior! Tem outra origem!”<sup>28</sup>

Há vários elementos interpretativos nesse trecho, dos quais gostaríamos de destacar os seguintes: “interpretações e conotações vaidosas e exaltadas”, “o eterno texto *homo natura*”, “os velhos metafísicos apanhadores de pássaros”.

Frente ao que foi exposto na seção anterior, não nos é difícil perceber a quem Nietzsche se refere como “velhos metafísicos apanhadores de pássaros”; aqui, certamente, ele faz referência aos primeiros filósofos, os correspondentes ao “velho mundo” anterior ao evento da “Morte de Deus”. Destes podemos destacar os *Eleátas*; suas concepções e interpretações sobre o mundo, seriam “vaidosas e exaltadas” pois eram elas que “sussurraram” aos ouvidos dos homens “Você é mais! É superior! Tem outra origem!”; Nietzsche está se referindo as interpretações sobre a natureza pautadas pelo *ideal ascético*, pelo valor incondicional da verdade, aquele que separou o mundo “aparente” do mundo “real”, como vimos na seção anterior. Esses primeiros filósofos não poderiam estabelecer que o domínio da verdade era o domínio do mundo *físico* e sim o domínio *metafísico*.

<sup>27</sup>Id. *On the Genealogy of Morality*. Trans. Carol Diethel. Cambridge Texts in the History of Political Thought. Cambridge University Press. 2007., p. 113.

<sup>28</sup>Id. *Além de Bem e Mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 1992., p. 124. Ver também: NIETZSCHE, 2001, p. 127: “Quando teremos desdivinizado completamente a natureza? Quando poderemos começar a *naturalizar* os seres humanos com uma pura natureza, de nova maneira descoberta e redimida?”

Isso teria afastado o homem da natureza, teria feito com que o “Eterno texto *homo natura*”, que corresponde as relações de sentido entre o homem e a natureza, fosse “rabiscado e pintado” de modo que essas relações fossem observadas como se tivessem outra proveniência; todas as metáforas criadas pelo homem sobre a natureza teriam ganhado independência, de tal modo que o homem não mais as reconhecia como suas próprias criações. O mundo humano não seria nada mais do que a produção de sentido sobre a natureza, de modo que os estímulos físicos do homem, capazes de apreender as coisas ao seu redor, são representados através de sons, pela linguagem; tudo o que o intelecto humano produz sobre a natureza não é nada mais do que metáforas de metáforas e metonímias de metonímias.

Em *verdade e mentira no sentido extra-moral*, o qual analisaremos a seguir, Nietzsche desenvolve com afinco sua interpretação sobre o caráter metafórico do intelecto humano, caráter este que proporciona ao homem a capacidade, a partir do esquecimento, de torna o mundo uma extensão de si mesmo.

No referido ensaio, Nietzsche inicialmente descreve o homem e sua racionalidade, na contramão do que era de costume: o homem e seu intelecto são ínfimos em comparação com o universo e sua imensidão<sup>29</sup>. Além de seu ínfimo caráter, Nietzsche demonstra também a soberba de um ser que se acha superior a tudo e a todos os outros animais, de modo que “[...] se pudéssemos nos comunicar com o mosquito, saberíamos que ele flutua no ar com a mesma presunção, sentindo em si o centro voador do mundo”.<sup>30</sup>

Segundo Nietzsche, a importância do intelecto humano não ultrapassaria o limite da vida humana; no entanto, o homem se engana do valor da existência sua, e da própria racionalidade, pela altivez gerada pelo conhecimento. Isso ocorre por duas razões concomitantes: o esquecimento, e o próprio efeito do intelecto. Segundo Nietzsche, o efeito mais universal do intelecto é o engano; engana-se sobre o valor do homem, sobre o próprio conhecimento humano e até mesmo sobre as coisas mais simples aparentemente *conhecidas*, como por exemplo as simples coisas ao redor.

Quanto a origem do intelecto humano, Nietzsche afirma que este surge no homem, fraco e delicado frente a outros animais, como uma forma de manter sua existência;<sup>31</sup> sem garras ou presas,

---

<sup>29</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *On truth and lies in an extra-moral sense*. Trans. Walter Kaufmann et all. p. 1 Disponível em: <[https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth\\_and\\_Lie\\_in\\_an\\_Extra-Moral\\_Sense.htm](https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth_and_Lie_in_an_Extra-Moral_Sense.htm)> Acesso em: 02-06-2020 às 18:44.

<sup>30</sup>Id. loc. cit. Tradução nossa.

<sup>31</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *On truth and lies in an extra-moral sense*. Trans. Walter Kaufmann et all. p. 1 Disponível em: <[https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth\\_and\\_Lie\\_in\\_an\\_Extra-Moral\\_Sense.htm](https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth_and_Lie_in_an_Extra-Moral_Sense.htm)> Acesso em: 02-06-2020 às 18:44.

os seres humanos se preservam com o intelecto pela capacidade de simulação (de certo modo, quase como uma modelagem; uma manipulação), que se expressa em engano, bajulação etc. Segundo o filósofo, em geral, seres mais fracos desenvolvem essa habilidade e no homem ela alcançaria seu pico<sup>32</sup>. O homem, com seu intelecto, sem o perceber, está mais interessado na mentira do que na verdade, o homem olha para a superfície e vê “formas”, sem o perceber, acaba focando mais em seus próprios estímulos (subjetividade) do que na coisa em si. A Mentira é descrita por Nietzsche, como uma falsa designação, quando um indivíduo designa a si mesmo como “rico” numa situação em que a designação correta seria “pobre”<sup>33</sup>. A exemplo de Platão, da mesma forma, ao olhar para a superfície das coisas, ele as designa como “cópias” das formas, sendo estas últimas, uma designação linguística que carrega um conceito advindo de um estímulo; o homem concebe este estímulo e aquele conceito como o real, impondo-o por cima da coisa em si, ou seja, o homem mente para si mesmo sem o perceber. O homem está preso no horizonte da consciência; “Esta, o afasta de coisas como o intestino e a circulação sanguínea”, diz Nietzsche<sup>34</sup>. A consciência humana é ao mesmo tempo, orgulhosa e enganosa: ao olhar além do horizonte orgulho e enganoso de sua consciência, o homem poderá encontrar um ser ambicioso, impiedoso, ignorante ao ponto de desejar a própria ignorância de si mesmo e das coisas que lhe desagradam no mundo, assim, o conhecimento do homem, é bastante seletivo, mesmo que inconscientemente.

De uma maneira um pouco diferente de outros de seus futuros textos, no referido ensaio, Nietzsche descreve a origem da vontade de verdade com outra roupagem. Vimos que em *Gaia Ciência* § 344, Nietzsche rejeita que tal vontade seria oriunda do pragmatismo, e que sua base é moral. Em *Verdade e mentira no sentido extra-moral*, escrito bem anteriormente, mantendo ainda a base moral da origem da vontade de verdade, Nietzsche acentua também um certo caráter pragmático: O anseio pela verdade advém de um pacto de paz entre os homens a fim de superar os conflitos e preservar sua sobrevivência, desse modo, o anseio pela verdade advém do instinto de rebanho, como uma consequência dele. Ocorre da seguinte forma: as primeiras regras da verdade se iniciam pelo uso adequado das palavras para cada situação, se o mal uso dessas palavras acarretar em prejuízo para o rebanho, o infrator será tachado de “mentiroso” ou “caluniador”. É a partir daqui que aparecem os contrastes entre a verdade e a mentira<sup>35</sup>. De posse desse raciocínio, Nietzsche

---

<sup>32</sup>Id, loc. cit.

<sup>33</sup>Id, op. cit., p. 2

<sup>34</sup>Idem.

<sup>35</sup>NIETZSCHE, Friedrich. **On truth and lies in an extra-moral sense**. Trans. Walter Kaufmann et all. p. 2. Disponível em: <[https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth\\_and\\_Lie\\_in\\_an\\_Extra-Moral\\_Sense.htm](https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth_and_Lie_in_an_Extra-Moral_Sense.htm)> Acesso em: 02-06-2020 às 18:44.

infez que o homem está mais preocupado com os efeitos negativos do engano do que com o engano em si<sup>36</sup>. Tais efeitos negativos têm causa social: para preservar a paz do rebanho, as designações que foram fixadas convencionalmente devem ser obedecidas, tendo como penalidade a exclusão do infrator. Um processo que se inicia a partir de uma base pragmática (para aumentar sua sobrevivência no rebanho) e se estende para uma base moral, a partir do esquecimento; a própria vida curta do homem faz com que suas designações convencionadas ganhem o aspecto de "verdade"<sup>37</sup>. Segundo Nietzsche, haveria duas maneiras de se produzir uma verdade: através de uma tautologia ou através de ilusões tomadas como verdade;<sup>38</sup> pode ser que inicialmente algo fosse percebido como ilusório e posteriormente foi tomado como verdadeiro como consequência do esquecimento.

Ao tratar sobre o conteúdo dessa verdade, Nietzsche inicialmente trata da linguagem; descreve as palavras como estímulos nervosos traduzidos em sons.<sup>39</sup> Assim, infere-se uma causa externa (os sons), revelando uma certa irracionalidade na aplicação das palavras: diz-se que x tem uma causa y externa, ou seja, que não faz parte do mesmo horizonte de eventos; o estímulo nervoso que sinto, e que denomino sonoramente como "dor" passa a ser identificado como um som, mas de fato, o que sinto não é "dor" e sim um estímulo nervoso o qual denomino "dor". Assim, as palavras são subjetivas, um exemplo disso é o uso dos artigos definidos ou indefinidos, ou quando designamos uma coisa como "masculino" ou "feminino"; o mesmo ocorre quando muitas vezes damos preferência a uma propriedade em detrimento de outras "que podem ser mais exclusivas de uma determinada coisa".<sup>40</sup> Dizer que a pedra é "dura" ou "pesada" é algo completamente subjetivo<sup>41</sup> e advindo de um estímulo: não é a "verdade" que determina o sentido das palavras ou mesmo sua origem, mas a designação sonora de um estímulo. O propósito da linguagem não é o de tangenciar a coisa-em-si; como tal ela deve ser independente de nossas experiências – está na própria definição, é "coisa-em-si", e não, "coisa-para-mim" – nesse sentido a linguagem estaria mais distante das coisas que de nossos próprios estímulos. A linguagem serve para lidar com relações-para-o-homem; ela tem utilidade prática e não teórica. Tal característica das palavras caracteriza uma metáfora: uma metáfora diz que A é B, sendo B pertencente a uma categoria distinta de existência. Em nosso caso, A é um estímulo físico e B é uma representação sonora embutida em uma palavra. "O misterioso X

---

<sup>36</sup>Id, loc. cit.

<sup>37</sup>Id. op. cit., p. 4.

<sup>38</sup>Id. op. cit., p. 3.

<sup>39</sup>Idem.

<sup>40</sup>Idem.

<sup>41</sup>Idem.

de uma coisa, primeiramente aparece como um estímulo nervoso, depois como uma imagem e finalmente como som” (NIETZSCHE, idem); um processo que requer várias metáforas. Nesse sentido, o material usado pelo filósofo ou cientista não vem da lógica, muito menos da essência das coisas; vem de uma capacidade motora<sup>42</sup> do ser humano possivelmente pelo uso da memória, que parte de uma simples manipulação de objetos percebidos pelo seu corpo até evoluir para uma complexa manipulação de conceitos e palavras<sup>43</sup>, referenciados a um estímulo provocado por um determinado objeto, em outras palavras, uma série de metáforas, as quais Nietzsche denomina de “relações humanas”<sup>44</sup>: elas são extensões do homem, **antropomorfismos**<sup>45</sup>. Nietzsche descreve dois exemplos para ilustrar o caráter metafórico da linguagem: O primeiro é o de uma pessoa surda que olha para as figuras sonoras de *Chladni*<sup>46</sup> achando que agora compreenderia o que é o som, mas estaria enganada<sup>47</sup>. Outro exemplo é o do pintor sem braços que deseja expressar uma imagem de sua mente em uma música, substituindo a esfera das imagens pela esfera dos sons<sup>48</sup>.

Ao tratar sobre os conceitos, Nietzsche os descreve como aquilo cuja a origem é a igualdade do que não é igual<sup>49</sup>, em outras palavras, uma abstração das diferenças. Uma única palavra descreve coisas semelhantes, não há igualdade na natureza, apenas semelhança; assim nasce um conceito<sup>50</sup>. A partir do esquecimento das diferenças, cria-se a ilusão de que o conceito remete a algo que é igual e imutável, percebe-se as diferenças na natureza e inverte-se a realidade; o diferente passa a ser

---

<sup>42</sup>Ver nota seguinte.

<sup>43</sup>Em forma de esclarecimento, Nietzsche não descreve o fenômeno em questão a partir da noção de “capacidade motora” nesse ponto a interpretação é nossa. Dizemos: o homem inicialmente desenvolve a linguagem a partir da manipulação de objetos externos; a linguagem é inicialmente motora, o mecanismo vai se desenvolvendo e se tornando complexo, até alcançar o nível de manipulação de símbolos que carregam sentidos, conceitos etc. Disso advém a inferência e o raciocínio lógico, nem estes símbolos muito menos a maneira como são percebidos os objetos na linguagem motora são a imagem do mundo tal como ele é, mas uma maneira propriamente humana de vê-las.

<sup>44</sup>NIETZSCHE, Friedrich. **On truth and lies in an extra-moral sense**. Trans. Walter Kaufmann et all. Disponível em: <[https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth\\_and\\_Lie\\_in\\_an\\_Extra-Moral\\_Sense.htm](https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth_and_Lie_in_an_Extra-Moral_Sense.htm)> Acesso em: 02-06-2020 às 18:44.

<sup>45</sup>A exemplo destas relações humanas e antropomorfismos, Nietzsche descreve a ciência e a matemática como formas de conhecimento do próprio homem, respectivamente:

a) “Operamos somente com coisas que não existem, com linhas, superfícies, corpos, átomos, tempos divisíveis, espaços divisíveis – como pode ser possível a explicação, se primeiro tornamos tudo *imagem*, nossa imagem! Basta considerar a ciência a humanização mais fiel possível das coisas, aprendemos a nos descrever de modo cada vez mais preciso, ao descrever as coisas e sua sucessão.” (NIETZSCHE, 2001, p. 131).

b) “Vamos introduzir o refinamento e o rigor da matemática em todas as ciências, até onde seja possível, não na crença de que por essa via conheceremos as coisas, mas para assim *constatar* nossa relação humana com as coisas. A matemática e apenas o meio para o conhecimento geral e derradeiro do homem.” (NIETZSCHE, 2001, p. 162).

<sup>46</sup>O cientista alemão Ernst Chladni foi um dos pioneiros da acústica experimental. Sua pesquisa sobre diferentes tipos de vibrações serviu de base para a compreensão científica do som que surgiu mais tarde no século XIX”. (Cf. URL: <<https://americanhistory.si.edu/science/chladni.htm>> Acesso em: 02-06-2020 às 19:51.

<sup>47</sup>NIETZSCHE, op. cit., p. 3.

<sup>48</sup>Id, op. cit., p. 6.

<sup>49</sup>Id, op. cit., p. 3.

<sup>50</sup>Nietzsche retoma este mesmo raciocínio no aforisma 111 da *Gaia Ciência*: “[...] a tendência predominante de tratar o que é semelhante como igual – uma tendência ilógica, pois nada é realmente igual – foi o que criou todo fundamento para a lógica.” A este respeito, vale conferir todo o aforisma.

uma cópia, uma ilusão, uma imagem imperfeita das “formas”; o real se torna a forma; a metáfora ganha status de realidade.

Como foi dito, a noção de verdade se torna possível a partir do esquecimento da origem metafórica dos conceitos e sentidos das palavras. Nietzsche compara isso com as moedas que perdem sua imagem (sua *metaforicidade*) mas que continuam a ser usadas comercialmente<sup>51</sup>. O sentido de naturalização do homem, o qual buscamos delimitar, se mostra a partir desse ponto: significa trazer de volta as imagens que não se afastam da sensibilidade; quando as metáforas se tornam rígidas (gélidas), elas se afastam da sensibilidade (do quente)<sup>52</sup>, deve-se então reconhecer o caráter metafórico da linguagem e usá-lo como tal. Nietzsche descreve esse distanciamento da sensibilidade a partir de exemplos semelhantes ao seguinte<sup>53</sup>: “Isto é um pato”, “Um pato é um pássaro”; veja que a metáfora se torna rígida e se separa do sensível. Pássaro passa a ser o som designado para uma classe e não mais para um indivíduo; quando dizemos “este ser é um pássaro” estamos indicando que o ser faz parte de uma classe, da qual, vários outros seres tomados como indivíduos também fazem parte. Seres racionais trabalham com conceitos mais *apolíneos*, conceitos mais gélidos e distantes da sensibilidade; com as metáforas esquecidas de sua natureza metafórica e apreendidas enquanto realidade. A metáfora, por sua vez, tomada enquanto tal, gera conceitos *dionisíacos*, mais próximas da dimensão psicofisiológica do homem; trata-se de uma questão de percepção da própria metáfora.

Com efeito, diante do que foi exposto, retomemos nossa investigação a respeito da reavaliação da verdade; evento anunciado por Nietzsche como *a morte de Deus*; momento em que, no nosso entendimento, há uma proposta de redefinir a verdade anteriormente separada da natureza a partir da metafísica de volta para a natureza; para o mundo do vir-a-ser, da eterna mudança, constituindo assim o sentido da reintegração do homem na natureza, sua *naturalização*<sup>54</sup>: “triumfar sobre as muitas interpretações e conotações vaidosas e exaltadas, que até o momento foram rabiscadas e pintadas sobre o eterno texto *homo natura*” (NIETZSCHE, 1992., p. 124).

#### 4. A REAVALIAÇÃO DA VERDADE

Nesse ponto, precisamos parar e reservar um tempo para refletir. A própria ciência agora *precisa* de uma justificativa (o que não significa dizer que exista alguma). Nessa questão, volte-se para as mais antigas e mais modernas filosofias: todas elas não têm consciência de

---

<sup>51</sup>Idem.

<sup>52</sup>Idem.

<sup>53</sup>Id. op. cit. p. 6-7.

<sup>54</sup>Cf. NIETZSCHE, 2001, p 126-127 “Guardemo-nos”, onde há uma relação entre o termo *Naturalizar* e *Desdivinizar*.

até que ponto a vontade de verdade em si precisa de uma justificativa, eis uma lacuna em toda filosofia – como isso acontece? Porque o ideal ascético tem *dominado* até agora toda a filosofia, porque a verdade foi estabelecida como um ser, como Deus, como a mais alta autoridade em si mesma, porque a verdade não estava *autorizada* a ser um problema. Compreende esse “autorizada”? – Desde o momento que a fé no Deus do ideal ascético é negada, *há também um novo problema*: o do *valor* da verdade. – A vontade de verdade precisa de uma crítica – vamos definir nossa incumbência com isso –, o valor da verdade deve ser *posto* provisoriamente *em questão*...<sup>55</sup>

Como discutimos na segunda seção do presente artigo, segundo Nietzsche, a Ciência ainda não teria superado o ideal ascético; a vontade de verdade. O “novo mundo”, com sua jovialidade, ainda não havia sido desbravado. A ciência moderna fazia parte ainda da transição do “velho mundo” para o “novo mundo”, pois esta foi a primeira a trazer de volta o mundo físico como ponto de partida para o desvelamento da verdade; o descobrimento da natureza sem a Metafísica ou a Teologia, mas ainda, com pressupostos metafísicos, com uma fé metafísica inconsciente e oculta; uma tácita visão teleológica sobre funcionamento da natureza e dos organismos presente no mecanicismo, na noção de “preservação da espécie”, numa certa teleologia presente na teoria da evolução e na Biologia; o ideal positivista dos “fatos” e “observações desinteressadas” que se punham a procurar “necessidade”, “leis”, “padrões”, “Atomismo”, “*Equilibrium*”<sup>56</sup>. Assim, permanecia na ciência a antiga dicotomia que separava o mundo do vir-a-ser do “outro mundo”, do improvável, onde habitavam o “estático”, o “duradouro”; onde existiam coisas ou estados isolados.<sup>57</sup>

Naquele momento, conforme podemos observar a partir da leitura do trecho acima, a verdade ainda não havia sido posta em questão; a verdade ainda não estava “autorizada” a ser um problema. Vejamos a seguir outro trecho em que Nietzsche expõe com clareza esse raciocínio:

Exceto pelo ideal ascético: o homem, o homem *animal*, não tinha sentido até então. Sua existência na terra não tinha propósito; “Para que serve o homem, na verdade?” - era uma pergunta sem resposta; não havia *vontade* para o homem e para a terra; por trás de todo grande destino humano soava o refrão ainda mais alto “Em vão!” *Isto* é o que o ideal ascético significava: algo estava *faltando*, havia uma imensa *lacuna* em torno do homem - ele próprio não conseguia pensar em nenhuma justificativa, explicação ou afirmação, ele *sofria* do problema referente ao seu sentido. Outras coisas também o fizeram sofrer, no geral ele era um animal *doentio*: mas o sofrimento em si *não* era problema dele, pelo contrário, o fato de não haver resposta para a pergunta que ele bradava: ‘Sofrendo pelo *quê?*’ O homem, o animal mais corajoso e mais propenso a sofrer, *não* nega o sofrimento como tal: ele o *quer*, ele até o procura, desde que lhe seja mostrado *sentido* para isso, um *propósito* para sofrer. A falta de sentido do sofrimento, *não* o sofrimento, foi a maldição que até agora cobriu a humanidade – e o ideal ascético *ofereceu ao homem um significado!*<sup>58</sup>

<sup>55</sup>NIETZSCHE, Friedrich. **On the Genealogy of Morality**. Trans. Carol Diethe. Cambridge Texts in the History of Political Thought. Cambridge University Press. 2007., p. 113.

<sup>56</sup>COX, CHRISTOPH. **Nietzsche: Naturalism and Interpretation**. Berkeley: University of California Press. 1999. p 30.

<sup>57</sup>Cf. NIETZSCHE, 2001, p. 130-131 (“Causa e efeito”) e NIETZSCHE, 2001, p. 162 (“Matemática”).

<sup>58</sup>Id. **On the Genealogy of Morality**. Trans. Carol Diethe. Cambridge Texts in the History of Political Thought. Cambridge University Press. 2007., p. 120.

Como podemos ver, a necessidade de sentido, ou de significado, caracteriza o objetivo do ideal ascético; mais do que seu sofrimento, o homem se importava com o sentido de sua vida, de seu próprio sofrimento e de tudo ao seu redor. Segundo Nietzsche, no aforisma 357 da *Gaia Ciência*, Schopenhauer representava um dos grandes filósofos que haviam acompanhado já de antemão essa evolução da Consciência Europeia, “como bom europeu e não como alemão” (*sic.* NIETZSCHE, 2001, p. 231), ao se questionar se a existência possuía algum sentido; mesmo que ainda não a tivesse respondido da maneira esperada, Nietzsche o reconhecia como aquele que ao menos pôs a questão (NIETZSCHE. loc. cit) que a consciência alemã ainda não se atrevia a fazer; logo em seguida diz o seguinte:

[...] explicar as próprias vivências como durante muito tempo fizeram os homens devotos, como se tudo fosse providência, aviso, concebido e disposto para a salvação da alma: isso agora *acabou*, isso tem a consciência *contra* si [...] devemos a este rigor [...] o fato de sermos bons europeus e herdeiros da mais longa e corajosa autossuperação da Europa.<sup>59</sup>

Era exatamente isso que estaria em falta na consciência moderna, ou no reconhecido positivismo científico: uma reavaliação sobre a verdade. A visão científica do mundo ainda se colocava diante do velho impasse posto por Platão e transferido para o positivismo: “o que é” distante do que “parece ser”. Com o seu “selecionar”, “simplificar”, “quantificar”, “mapear tendências relativas”<sup>60</sup>, a Consciência Europeia agora necessitava voltar-se novamente contra si. Essa “autossuperação da Europa” deveria agora, efetivamente, reconciliar a verdade com a aparência: “somente com isso é novamente estabelecida a inocência do vir-a-ser”<sup>61</sup> e “naturalizar os seres humanos com uma pura natureza, de nova maneira descoberta e redimida” (NIETZSCHE, 2001. p. 127). Para isso, seria necessário ir na contramão do que já havia sido feito anteriormente; a verdade, em vez de situar-se em “outro mundo”, deveria situar-se agora no “mundo aparente”.

Segundo a análise de Cox<sup>62</sup>, para Nietzsche, a verdade e o conhecimento sempre tomariam lugar no mundo da perspectiva e da interpretação, isto é, dentro do mundo da aparência e da semelhança. A “vontade de verdade” não se distanciaria da “vontade de engano”; rejeitar-se-ia o sentido de que uma fosse boa e a outra ruim. Essa dicotomia metafísica deveria ser superada<sup>63</sup>, deveria haver com isso, um reconhecimento de que a natureza, a vida e a história não toleram opostos, mas apenas “graus e várias sutilezas de gradação”. Desse modo, Nietzsche rejeitaria a

---

<sup>59</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2001. p. 229.

<sup>60</sup>COX, CHRISTOPH. *Nietzsche: Naturalism and Interpretation*. Berkeley: University of California Press. 1999. p 31.

<sup>61</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Idolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2006. p. 47.

<sup>62</sup>COX. op. cit., p. 39-40.

<sup>63</sup>Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Além de Bem e Mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 1992. p. 9-10.

suposição de que há uma oposição essencial entre o "verdadeiro" e o "falso"; ao invés disso, existiriam apenas graus de aparência, como diferentes *tons* de aparência: a "vontade de verdade" e a "vontade de engano" seriam como "refinamentos" de uma e outra. De fato, é o que nos apresenta Nietzsche, no aforisma 34 de *Além de bem e do mal*, o qual reproduzimos a seguir:

O caráter *errôneo* do mundo onde acreditamos viver é a coisa mais firme e segura que nosso olho ainda pode aprender [...] eu mesmo aprendi há muito a pensar de outro modo, a avaliar de outra maneira o enganar e o ser enganado [...] Não passa de um preconceito moral que a verdade tenha mais valor que a aparência; [...] não existiria nenhuma vida, senão com base em avaliações e aparências perceptivas; e se alguém, com o virtuoso entusiasmo e a rudeza de tantos filósofos, quisesse abolir por inteiro o "mundo aparente", bem, supondo que vocês pudessem fazê-lo – também da sua "verdade" não restaria nada! Sim, pois o que nos obriga a supor que há uma oposição essencial entre "verdadeiro" e "falso"?<sup>64</sup>

Nessa passagem, Nietzsche destaca uma certa irreducibilidade da interpretação; é o mundo aparente que gera nossas percepções individuais e distintas sobre ele, e o faz infinitamente. Semelhante raciocínio é exposto em *Crepúsculo dos Ídolos*:

Eles [os sentidos] não mentem nem do modo como os eleatas pensavam [...] - eles não mentem. O que *fazemos* do seu testemunho é que introduz a mentira; por exemplo, a mentira da unidade, mentira da materialidade, da substância, da duração... [...] o mundo "aparente" é o único: o "mundo verdadeiro" é apenas *acrescentado mendazmente*...<sup>65</sup>

A vida, a história e a natureza são os objetos de nossas interpretações " vaidosas e exaltadas", mas a natureza desses objetos se mostra diante de nós errante. Segundo Nietzsche, "A melhor ciência procura nos prender do melhor modo a esse mundo simplificado, completamente artificial, fabricado, falsificado, [...] involuntariamente ou não, ela ama o erro, porque, viva, ama a vida!" (NIETZSCHE, Friedrich. 1992. p. 29).

Com efeito, Nietzsche estabelece como alvo o ideal ascético, que gera a noção de incondicionalidade da verdade a estabelecendo como um erro, invertendo assim toda a metafísica platônica e a moralidade cristã. As interpretações, todas elas, inclusive a do próprio Nietzsche, sobre a natureza são errantes assim como a própria natureza. É a partir desse ponto que Nietzsche estabelece que existem interpretações melhores do que outras; melhores não no sentido pragmático ou utilitarista, mas no sentido que o próprio refinamento racional do homem é capaz de estabelecer: as melhores interpretações são aqueles que se assemelham mais com a vida, com a natureza; são aqueles que não a negam, que não se estabelecem ou se fundamentam em algo externo a própria natureza, portanto, tratam-se daquelas que estabelecem condicionalidade, temporalidade, contingência, e relatividade. A vida se estabelece no *semblance*; na aparência, no

<sup>64</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *Além de Bem e Mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 1992. p. 38

<sup>65</sup>Id. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2006. p. 26.

erro, no engano e na simulação (Cf. GC, 344); a busca pelo “mundo verdadeiro” acarreta numa rejeição do mundo da vida, da natureza e da história. Eis o sentido, o qual buscamos estabelecer, da reintegração do homem na natureza.

Essa interpretação Nietzscheana guarda a contradição, que segundo ele é característica de uma nova maneira de pensar (Cf. NIETZSCHE, 1992. p. 9-10) que se propõe além do bem e do mal: rejeita o dogmatismo, afirmando ao mesmo tempo um certo dogmatismo que descreve como natureza é e se comporta. Contudo, segundo nos mostra Cox (1999, p. 3), o perspectivismo de Nietzsche mitiga seu dogmatismo, de modo que não há uma pretensão de que exista apenas uma única concepção verdadeira sobre o mundo, mesmo diante da afirmação de que sua maneira de ver o mundo esteja mais adequada aos padrões naturais; de fato, é o que poderemos ver na citação a seguir de *Humano, Demasiado Humano*, que encerra nossa investigação:

[...] dizem que um leitor emerge de meus livros, não sem alguma reticência e até desconfiança frente à moral, e mesmo um tanto disposto e encorajado a fazer-se defensor das piores coisas: **e se elas forem apenas as mais bem caluniadas?** [...] e quem adivinhar ao menos em parte as consequências de toda profunda suspeita, os calafrios e angústias do isolamento, a que toda incondicional *diferença do olhar* condena quem dela sofre, compreenderá também com que frequência, para me recuperar de mim, como para esquecer-me temporariamente, procurei abrigo em algum lugar – em alguma adoração, alguma inimizade, levianidade, cientificidade ou estupidez; e também por que, onde não encontrei o que *precisava*, tive que obtê-lo à força de artifício, de falsificá-lo e criá-lo poeticamente para mim (- que outra coisa fizeram sempre os poetas? Para que serve toda a arte que há no mundo?). [...] Supondo, porém, que tudo isso fosse verdadeiro e a mim censurado com razão, que sabem *vocês* disso, que *podem* vocês saber disso, da astúcia da autoconservação, da racionalidade e superior proteção que existe em tal engano de si – e da falsidade que ainda me é *necessária* para que continue a me permitir o luxo de minha veracidade?... Basta, eu ainda vivo; e a vida não é excogitação da moral: ela *quer* ilusão, *vive* ilusão... porém, vejam só, já não começo de novo a fazer o que sempre fiz, como velho imoralista e **apanhador de pássaros** – falando imoralmente, amoralmente, “além do bem e do mal?

Foi assim, que há tempos, quando necessitei, *inventei* para mim os “espíritos livres”, aos quais é dedicado este livro melancólico brioso que tem o título de Humano, demasiado humano: não existem esses “espíritos livres”, nunca existiram – mas naquele tempo, como disse, eu precisava deles como companhia, para manter a alma alegre me meio a muitos males (doença, solidão, exílio, acedia, inatividade): como valentes confrades fantasmas, com os quais proseamos e rimos, quando disso temos vontade, e que mandamos para o inferno, quando se tornam entediantes – uma compensação para os amigos que faltam.<sup>66</sup>

## 5. CONCLUSÃO

Como vimos até aqui, o desenvolvimento histórico do pensamento ocidental, o qual se denominou consciência europeia, foi marcado por diversos momentos de autossuperação. No início, a Filosofia havia superado o pensamento mítico; Heráclito havia se interposto contra Hesíodo;

---

<sup>66</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2000. p. 7-8.

Platão havia se insurgido contra Homero; Xenófanes denunciava o antropomorfismo na religião grega, de modo a denunciar as “arbitrariedades” e “absurdos” dos pensamentos dos poetas; a escola eleática distinguia o “ser” do “não-ser”; finalmente o mundo sensível passava a ser visto como ilusão e aparência, uma cópia imperfeita das “formas” eternas e imutáveis, a “opinião” se opunha a “verdade”, nascia então a Metafísica Platônica que durante a idade média havia sido refinada novamente com a Moralidade Cristã. A Ciência Moderna, que aparentemente havia superado tudo isso, carregava ainda em si a base de todos os pressupostos metafísicos, o ideal ascético: a incondicionalidade da verdade, o valor absoluto da verdade, a necessidade de sentido. Haveria então um outro momento de autossuperação no pensamento europeu, marcado pela reavaliação da verdade: “a morte de Deus”. Era necessário à Consciência Europeia, a partir do seu refinamento, uma reintegração do homem na natureza. A consciência do homem havia se separado da natureza a partir da própria capacidade humana de significar, de nomear, classificar, conceituar, modelar, metaforizar; o homem criava o mundo sua imagem e semelhança, a natureza se tornava sua própria extensão, cada um de seus significados o separava cada vez mais da natureza, colocando sempre suas metáforas no domínio antinatural: da eternidade, imutabilidade, estaticidade, necessidade etc. Nem mesmo a ciência havia escapado de Deus.

Com efeito, Nietzsche trazia a tona “a primazia e a irredutibilidade da interpretação” (Cox 1999, p. 70); mais ainda, a consciência da visão metafórica sobre o mundo e o reconhecimento do caráter estético do conhecimento humano. A contradição, as oposições, seriam como inerentes a natureza, cada coisa seria como relativa respectivamente ao ser que a observa; o mundo seria um fluxo contínuo e infinito. (NIETZSCHE, 2001, p. 131).

Segundo Cox (1999, p. 3), o antidogmatismo de Nietzsche é confrontado com um certo dogmatismo aparente que descreve o mundo e seu funcionamento. Esse aparente dogmatismo é mitigado pelo perspectivismo, a ideia de que os conceitos são apenas interpretações como qualquer outra; contudo, interpretações melhores para os padrões naturais, por conta de estarem mais próximas da sensibilidade. Vê-se aí uma oscilação entre o dogmatismo e o antidogmatismo; uma contradição inerente a nova maneira de pensar que se coloca *além do bem e do mal*.<sup>67</sup>

Na passagem que encerra a penúltima seção deste artigo, Nietzsche se autodenomina “apanhador de pássaros”, termo o qual se utiliza para tratar dos “velhos metafísicos” em *Além do bem e do mal* § 230. Ele responde aos seus críticos dizendo: “e se elas [as piores coisas as quais meus

---

<sup>67</sup>Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Além de Bem e Mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 1992. p. 11.

leitores se dispõem ao ler-me] forem apenas as mais bem caluniadas?"; revelando o caráter de seu filosofar: o despreendimento de pressupostos metafísicos que impõem incondicionalidade e imutabilidade à verdade; a reconciliação da verdade com o mundo natural; a afirmação da vida, da história e da natureza; a afirmação de que o "caráter *errôneo* do mundo onde acreditamos viver, é a coisa mais firme e segura que nosso olho ainda pode apreender [...]".<sup>68</sup>

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Daniel. **Nietzsche como filósofo naturalista**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. 2018.

COX, CHRISTOPH. **Nietzsche: Naturalism and Interpretation**. Berkeley: University of California Press. 1999. Disponível em: <<http://ark.cdlib.org/ark:/13030/ft5xonb3sz/>>

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

\_\_\_\_\_. **Além de Bem e Mal**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 1992.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

\_\_\_\_\_. **On the Genealogy of Morality**. Trans. Carol Diethe. Cambridge Texts in the History of Political Thought. Cambridge University Press. 2007.

\_\_\_\_\_. **On truth and lies in an extra-moral sense**. Trans. Walter Kaufmann, Daniel Breazeale e The Nietzsche Channel. Disponível em: <[https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth\\_and\\_Lie\\_in\\_an\\_Extra-Moral\\_Sense.htm](https://oregonstate.edu/instruct/phl201/modules/Philosophers/Nietzsche/Truth_and_Lie_in_an_Extra-Moral_Sense.htm)><sup>69</sup>

---

<sup>68</sup>NIETZSCHE, op. cit. p. 38.

<sup>69</sup>Esta tradução é um compilado da tradução de Walter Kaufmann e Daniel Breazeale feita pelo *The Nietzsche Channel*. Disponibilizada na plataforma da *Oregon State University*: <<https://oregonstate.edu/>>. Na fonte, a data da tradução não é citada.